

VIOLÊNCIA, JUSTIÇA E PAZ:

Deborah Vieira

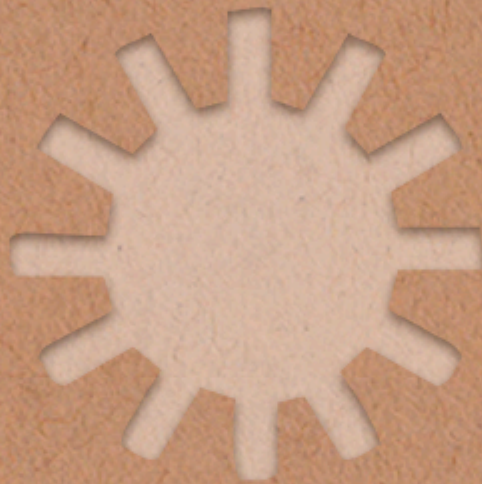
Olber Martínez

Sandra Márquez



O que a Bíblia,
as Ciências Sociais
e as epistemologias
do Sul Global têm
a dizer sobre isso?

**REFLEXÕES
A PARTIR DA
AMÉRICA LATINA**



Violência, justiça e paz: reflexões a partir da América Latina, 2024.
Título original: Miradas sobre justicia y paz desde Latinoamérica.

Capa, projeto gráfico e diagramação: Amanda K. Lopes
Tradução: Deborah Vieira
Revisão: André Kanasiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vieira, Deborah

Violência, justiça e paz [livro eletrônico] :
reflexões a partir da América Latina / Deborah
Vieira, Olber Martinez, Sandra Marquez. --
Juiz de Fora, MG : Ed. dos Autores, 2024.

PDF

ISBN 978-65-01-06429-1

1. Bíblia - Estudos 2. Ciências sociais
3. Cultura indígena 4. Justiça 5. Paz 6. Teologia
social 7. Violência I. Martinez, Olber. II. Marquez,
Sandra. III. Título.

24-212829

CDD-261

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia social 261

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Esta publicação foi possível graças ao apoio do financiamento da Fundação John Templeton. As opiniões expressas nesta publicação são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a posição da John Templeton Foundation.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição de sua equipe editorial.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sob qualquer forma sem a prévia permissão da responsável pela obra no Brasil, Deborah Vieira deborah.etc@outlook.com, e dos autores.

SUMÁRIO

05	PREFÁCIO
07	APRESENTAÇÃO
08	PANORAMA DA VIOLÊNCIA E INJUSTIÇA
11	O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA NA BÍBLIA
14	JUSTIÇA
28	PAZ
47	O DEUS QUE SOFRE CONOSCO
51	ATIVIDADES PARA REFLEXÃO
57	REFERÊNCIAS



prefácio

Perspectivas de justiça e paz a partir da América Latina é um louvável esforço colaborativo, fruto da reflexão de Sandra, Deborah e Olber. Os três, como parte dos movimentos da IFES e como fruto de uma bela tradição de reflexão bíblica sobre as realidades que afligem nossos contextos sociais e universitários, se dedicam a pensar sobre justiça e paz. Assim, demonstram seu firme compromisso com o Senhor Jesus Cristo, com o Reino de Deus, com as Escrituras e com os lugares onde o Senhor os chamou para amar e servir, convergindo para as universidades do continente.

Neste livro, você encontrará, como os autores pretendem, uma pista de pouso sobre vários temas. Temos um diálogo sobre paz e justiça a partir dos povos originários, das Escrituras e em diálogo com a sociedade e as universidades latino-americanas. Temos um ponto de partida e uma oportunidade de refletir sobre questões que afetam nossas realidades e de fazê-lo a partir de nosso compromisso evangélico. Falar sobre violência, justiça e paz não é fácil, e neste livro você encontrará pontos de encontro acessíveis com esses temas, convidando-nos à reflexão, ao aprofundamento e ao diálogo. O convite deste livro se baseia no compromisso de sermos testemunhas de Jesus neste mundo e em como é esse testemunho integral e encarnacional em contextos universitários.

Recomendo enfaticamente esse belo recurso pelo seu potencial de inspirar nossa jornada comunitária como movimentos estudantis universitários e igrejas ou comunidades de fé. É um recurso que nos incentiva a caminhar em fidelidade ao Senhor e à sua missão e nos dá imaginação para continuar a construir pontes de diálogo em espaços onde a justiça e a paz que o Senhor traz e nos oferece são tão urgentemente necessárias. Há uma riqueza especial nos exemplos fornecidos pelos autores, que não nos permitem ficar indiferentes ou

imóveis diante de problemas ou questões que parecem impossíveis. Nesse sentido, o livro nos convida e aponta para a esperança que temos no diálogo com uma questão como a violência em nosso continente. Na parte final do livro, você encontrará ideias criativas para uma reflexão mais aprofundada sobre as questões apresentadas.

Esperamos que você goste de ler, refletir e colocá-las em prática.

Alejandra Ortiz

Obreira da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES na sigla em inglês) e serve como co-coordenadora da Iniciativa Logos & Cosmos na América Latina. É casada com Abdiel, com quem tem duas filhas, Erandi e Ayari. Vive em Tijuana, no México e atualmente cursa um doutorado em Teologia na Oxford Centre for Mission Studies.

apresentação

A realidade latino-americana é atormentada pela injustiça e pela corrupção. Todos os dias vivenciamos manifestações de violência e além desse limite geográfico, cenas semelhantes são vivenciadas em outras partes do mundo também. Por meio deste ebook queremos tecer um diálogo que nos permita encontrar nuances e significados relevantes para o nosso contexto em relação ao chamado que temos como crentes para a construção da justiça e da paz a partir do evangelho.

Este ebook propõe uma reflexão interdisciplinar, que buscará encontrar um sentido comum e a inspiração para viver a justiça e o Shalom de Deus, do pessoal ao coletivo. Partiremos de algumas questões que comumente temos: por que muitas pessoas não acreditam mais na justiça humana? A justiça divina é semelhante à justiça humana? Que sinais de justiça a igreja demonstra? Como podemos viver o Shalom na vida cotidiana em meio a um mundo violento? Que aspirações de paz nós, como cristãos, temos para o nosso contexto?

Por isso, o ebook está organizado em partes: começaremos falando sobre a violência que nos cerca, e também sobre a violência que encontramos na Bíblia; depois falaremos de justiça e fecharemos o ciclo falando sobre a promoção da paz. Nessa jornada, queremos compartilhar algumas perspectivas da nossa realidade latino-americana sobre esses temas, como as visões dos povos originários, as experiências dos católicos e evangélicos em nossas terras, e também haverá uma parte especial para falarmos sobre a violência e a promoção de paz na universidade.

Ao longo do texto iremos citar alguns autores, e você encontrará mais detalhes sobre seus trabalhos ao final do ebook, na lista de referências. Pense neste ebook como uma pista de pouso, a partir da qual você poderá ir ainda mais longe com as referências que compartilhamos com

você. Mas as referências não são a única coisa que você encontrará ao final do ebook. Também queremos compartilhar com você uma série de atividades que podem ser realizadas em sua igreja, sala de aula, associação de bairro ou grupo universitário para refletir sobre justiça e promoção de paz.

Este material é resultado da Iniciativa Logos e Cosmos, projeto da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês), da qual participam a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (da qual Deborah Vieira é membro), Compañerismo Estudiantil Cristiano (do qual Sandra Márquez é membro) e o Movimiento Universitario Cristiano (do qual Olber Martínez é membro). A iniciativa visa preparar acadêmicos cristãos para liderarem projetos que despertem curiosidade e admiração pela Palavra de Deus e pelo mundo criado por Deus, pela teologia e pelas ciências. E é por isso que queremos lhe encorajar a fazer o mesmo: construir pontes de diálogo entre as ciências e a fé para dar testemunho de Jesus Cristo e do seu reino.

Que Deus abençoe sua leitura!

Deborah, Sandra e Olber.

panorama da violência e injustiça

Nos últimos anos, mesmo com a pandemia, o mundo continuou a enfrentar mudanças, no entanto, a violência não parou. Segundo dados da Anistia Internacional (2021), mais de 500 pessoas morrem todos os dias devido à violência armada. 44% de todos os homicídios cometidos no mundo envolvem violência armada. Segundo a agência da ONU para os refugiados, nos primeiros meses de 2022, o número de pessoas forçadas a fugir da guerra, da violência e da perseguição ultrapassou pela primeira vez os 100 milhões. Longe de estar calada diante da situação, a comunidade internacional tem sido até agora incapaz de resolver os conflitos e outras causas de deslocamento que forçaram tantos milhões de pessoas a fugir das suas casas. Esta inação contínua, combinada com os efeitos crescentes da emergência climática, o aumento vertiginoso do custo de vida e a iminente recessão econômica global, tornam sombrias as perspectivas para o deslocamento global em 2024.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e ONU Mulheres (2022), um terço das mulheres do planeta é vítima da violência física ou sexual, geralmente desde bem jovens. E em torno de 736 milhões de mulheres sofreram esse flagelo nas mãos de um parceiro ou pessoa próxima. Os números da Organização Internacional do Trabalho (2022) mostram que ao menos uma a cada cinco pessoas empregadas, tanto homens como mulheres, sofrem ao menos uma modalidade de violência e assédio durante sua vida laboral – isso representa 22,8%, ou seja, 743 milhões de pessoas.

Já a Aliança contra a Violência na Infância (2018), formada por organizações como Unicef, Visão Mundial, Children's Villages e Save the Children, aponta que 732 milhões de meninas e meninos em idade escolar (entre 6 e 17 anos), ou seja, uma em cada duas crianças, vivem em países

onde os castigos corporais na escola não são completamente proibidos. Todos os anos, 3 milhões de meninas e mulheres jovens são mutiladas por razões culturais ou religiosas em todo o mundo. Além disso, quase 130 milhões de estudantes com idades entre 13 e 15 anos, pouco mais de um em cada três, vivenciam casos de bullying. De acordo com o Índice Global da Paz (2022), onde participam 163 países e são medidos 30 indicadores, 90 países apresentaram melhorias e 71 sofreram uma deterioração, destacando que os declínios na paz são geralmente maiores do que as melhorias.

Para a OMS, violência é o uso de força física ou do poder, em forma de ameaça ou na prática, contra si próprio ou contra outra pessoa, um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Nesse sentido, ao longo do texto você verá que também traremos outras formas de injustiça, como a própria corrupção, como uma forma de violência contra as pessoas.

Esses números nos fazem pensar: qual é o nosso papel como filhos e filhas de Deus nesse cenário? Como entender nosso chamado à justiça e à paz?

o problema da violência na bíblia

Uma pergunta que muitas pessoas fazem é: como podemos trabalhar pela paz a partir de uma perspectiva bíblica, se a Bíblia está cheia de violência? No texto bíblico podemos ver os efeitos da queda em Gênesis 4, quando conhecemos a história de Caim e Abel, o primeiro homicídio, que em sua narrativa nos dá luzes sobre como a violência se desenvolve no ser humano:

Passado algum tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho. O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta. Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou. O Senhor disse a Caim: "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo". Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: "Vamos para o campo". Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou. (Gênesis 4: 3-8 NVI)

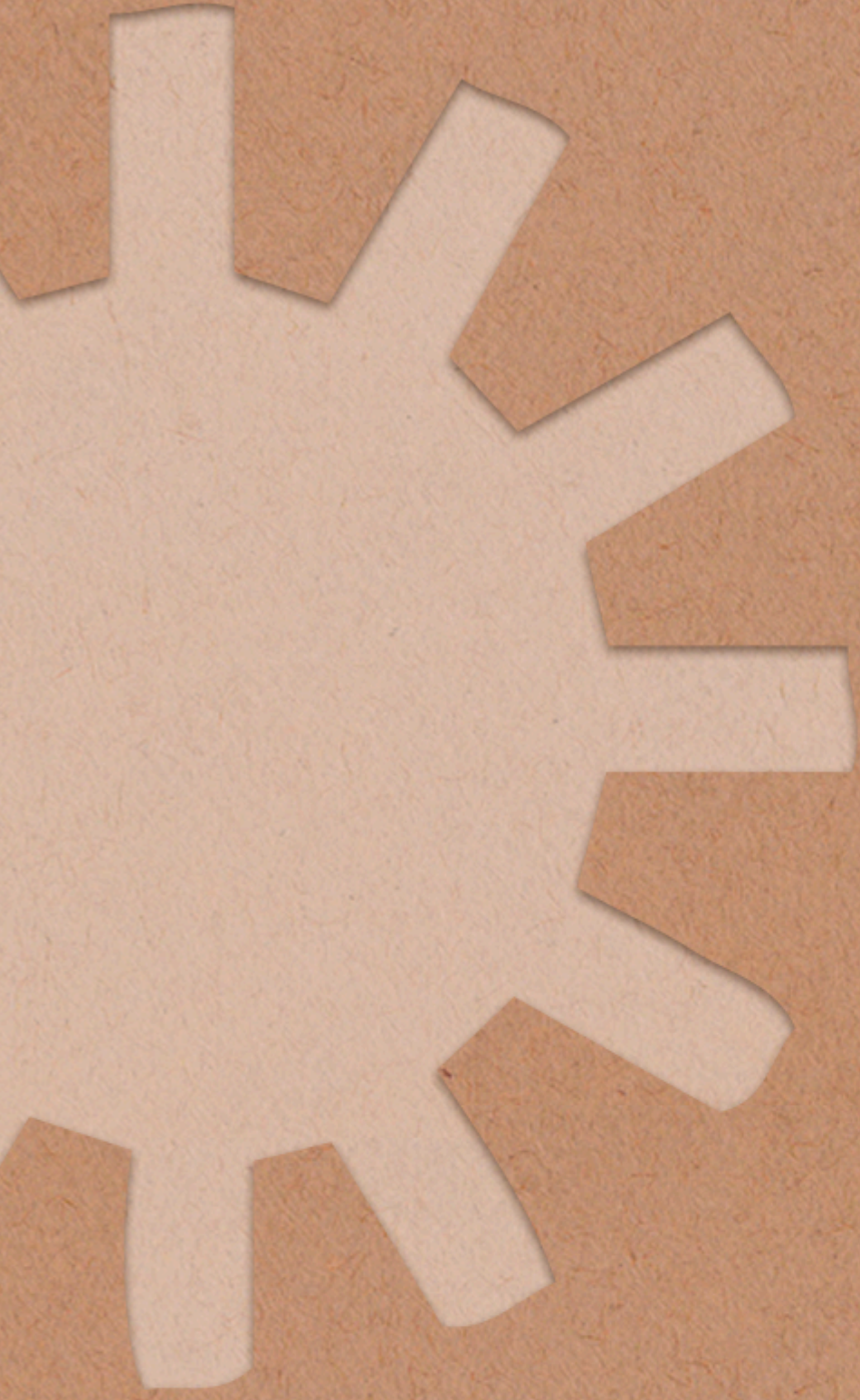
Nesse texto vemos que a violência é gerada desde a queda, ou seja, da entrada do pecado no mundo, tomando forma em nossa atitude em relação ao outro e a Deus. Isso se manifesta ao estarmos contra nossos irmãos e irmãs, como uma marca de egoísmo, e pode se manifestar em meio ao ciúmes, calúnias e inveja, por exemplo. Mas, em geral, aparece quando usamos nosso poder sobre as outras pessoas com algum objetivo instrumental ou expressivo.

Mais adiante, na passagem de Gênesis, quando Deus pergunta a Caim se ele sabe onde está Abel, ele responde: "Não sei, sou eu o responsável por

meu irmão?” Em outras versões o texto diz algo como “É minha obrigação cuidar dele?”. Nessa resposta entendemos que a indiferença e a ocultação da verdade também são formas de perpetuar a violência. Inclusive, para a OMS, a violência não é somente a ação, mas também a omissão que tem como fim causar dano a outra pessoa.

De acordo com o biblista argentino Dionisio Byler, que tem analisado os genocídios no texto bíblico, “eles podem ser compreendidos ou não, conforme cada pessoa achar melhor. Mas nunca, em caso algum, podem ser tomados como exemplos a seguir.” Isso se dá a partir da perspectiva do evangelho e do plano de redenção de Deus para a humanidade.

Por isso, no texto também vemos algo importante: Deus diz a Caim que mesmo com sua condição decaída, ele pode resistir e dominar o pecado e, portanto, abster-se de seguir cometendo aquele ato de violência que estava germinando em sua mente e coração. É importante reconhecer que no texto bíblico vemos manifestações de violências muito cruéis, em meio às quais podemos encontrar interpretações diversas, tanto históricas como culturais, mas o mais importante ao estudar essas passagens é refletir sobre o chamado que temos através deles.



JUSTIÇA

o que é justiça a partir das perspectivas ocidentais e das epistemologias da américa latina e de outras latitudes?

Embora este ebook nos convide a refletir sobre a justiça a partir de uma perspectiva latino-americana, é pertinente comentar, dada a voz que hoje nos é dada, que os valores, preceitos e conceitos da sociedade ocidental foram impostos ao resto das sociedades no mundo, ocultando os conhecimentos e as formas de compreensão social que governavam essas culturas. Desde então, tudo o que não se baseia nos valores chamados ocidentais é considerado um mito ou algo de pouco valor intelectual.

Portanto, não é de se estranhar que, até 50 anos atrás, as muitas contribuições filosóficas e teológicas provenientes do nosso continente não tivessem paridade, nem fizessem parte dos diálogos que ocorreram na Europa, que para alguns é o centro da história desde o surgimento da modernidade. Por consequência, muitos de nós acabamos, por muito tempo, enxergando o que foi produzido aqui em nossas terras da mesma forma.

O que foi exposto anteriormente tem uma explicação histórica, pois a América Latina, juntamente com a África, ficaram à margem da história mundial por serem considerados territórios ainda em formação e sem possibilidades e capacidades de ter voz – até mesmo por não terem uma tradição de escrita como a europeia. Com a emergência dos Estados Unidos da América como potência e de outras linhas teóricas, como a Nova História, na França, os olhos da academia se voltaram um pouco mais para nós, mas sem mandar a Europa para a periferia.

Não obstante, a modernidade não é exclusiva da Europa, tal como afirma Enrique Dussel. Ainda que o mito da modernidade tenha tratado de se situar no Renascimento italiano, na Reforma Protestante, na revolução

política inglesa ou no Iluminismo Francês, foi a abertura do Oceano Atlântico em 1492 que permitiu que fossem extraídos muitos elementos das terras colonizadas por meio do domínio militar, econômico e cultural.

Os saberes dos povos da Ásia, Oriente Médio, África e da América Latina (a periferia) também refletiram sobre noções como a paz, perdão e justiça por meio de uma série de narrativas, que de maneira simbólica expressam feitos racionais, carregados de significados universais e conceitos guardados na memória da comunidade. Porém, a partir do centro, alguns pensadores consideraram e ainda consideram, essas narrativas, nas palavras de Nieves, “como algo mítico, distante do logos (razão)”.

O objetivo do exercício reflexivo dessas pessoas africanas e latino-americanas era fornecer orientação ética, expressar o sentido da vida e a razão de proceder de determinada forma em situações relacionadas ao cotidiano da comunidade. De modo que essas narrativas refletem a sabedoria coletiva de um povo, que foi construída ao longo de centenas de anos, ou seja, são produto da racionalidade comunitária.

o que é justiça a partir da perspectiva de povos originários da américa latina?

É por isso que propomos uma breve revisão das abordagens sobre justiça feitas por três povos indígenas diferentes do que hoje chamamos de América Latina. A primeira perspectiva que analisaremos é dos maias no México, na Guatemala, no oeste de Honduras e em El Salvador, a segunda é dos povos Chimborazo no Equador e a terceira é dos povos Lenca, em El Salvador e Honduras.

O CASO MAIA

É importante notar que a compreensão maia de justiça não se baseia num conceito abstrato, mas sim na observação de algo prático, e é encontrada na palavra **maaliik**. Nesse sentido não existe uma tradução literal da palavra justiça do maia para o espanhol ou português, mas existe uma palavra que se aproxima: **maaliik**, que se traduz como “fazer bem e fazer coisas boas”.

Essa noção de “fazer bem e fazer coisas boas” é a visão de mundo com a qual se estabeleceu a estrutura social dessa comunidade. Ainda que seja um chamado para atuar com benevolência aos demais sem esperar algo em troca, também está associado à esperança de receber o mesmo tratamento quando estiver em necessidade, ou seja, que o outro opere pela mesma lógica.

O CASO DOS POVOS DO CHIMBORAZO

As contribuições do filósofo Gerardo Nieves nos dão uma perspectiva sobre a visão de mundo dos povos indígenas do Chimborazo, que afirma que o indivíduo não é um ser independente e autossuficiente, mas que o verdadeiro sujeito ético reside no “nós”. Nisso, temos a palavra

apanakuna, que se traduz como “não ter problemas com ninguém”, e é um imperativo para evitar prejudicar os outros (pessoas, comunidades e cosmos), porque aquele que não agir dessa forma, colocará em perigo o viver bem em comunidade.

Nesse contexto, quando uma ação perturba a harmonia comunitária, é realizada uma intervenção coletiva que procura primeiro a reconciliação e a restauração das partes envolvidas, com o objetivo final de restaurar o equilíbrio na comunidade. Sob essa visão de mundo, todo problema, infortúnio ou crime termina com o culpado pedindo perdão à vítima e assumindo sua responsabilidade, enquanto a vítima aceita o perdão com o propósito de manter a harmonia na comunidade.

CASO LENCA

Quanto ao caso dos lencas, é importante destacar que suas línguas desapareceram com a conquista, mas algumas palavras sobreviveram, entre elas está **guancasco**. Essa palavra se refere à ação de reconciliação e de busca da paz entre famílias e comunidades, sob o princípio de que o bem comum do grande povo Lenca (todas as comunidades que o compunham) estava acima dos interesses individuais. Se alguém chamasse outro para um **guancasco**, este não poderia se recusar a participar. Um **guancasco** implicava que comunidades ou famílias que tinham problemas entre si se reunissem para resolver as suas diferenças através do diálogo. Ao final das conversas, era realizada uma festa com comidas e bebidas, como forma de pedir e conceder perdão, e iniciar uma nova etapa no relacionamento as partes envolvidas.



Das três culturas analisadas, podemos resumir que as suas abordagens à justiça estão relacionadas com a procura do bem comum através de uma prática ética que procura a paz e a reconciliação para manter o equilíbrio na comunidade. Essa prática ética envolve fazer o bem a todos, mas especialmente aos necessitados. De modo que, ao surgir um caso em que um indivíduo tenha causado dano a outro, o assunto será abordado comunitariamente por meio do diálogo.

o que é justiça a partir de um diálogo sul-sul

É interessante saber que apesar de estarmos separados por milhares de quilômetros e por períodos históricos, os povos egípcios e mesopotâmicos entendiam que as relações humanas também tinham um elevado componente ético e prático relacionados à vida do indivíduo e ao bem-estar da comunidade. Nesses contextos, o tema de justiça se centrava nos fracos, pobres e estrangeiros.

Enrique Dussel resgata a forma como essas pessoas entendiam a justiça como uma ética que afirmava uma vida digna. Para os egípcios, fazer justiça tinha um caráter transcendente relacionado ao julgamento final e à esperança da ressurreição. Segundo o Livro dos mortos, capítulo 125, antes do julgamento final a pessoa deveria dizer a seguinte oração:

“Não cometi iniquidade contra os homens, não empobreci a um pobre em seus bens, não o fiz padecer de fome... não roubei com violência, não roubei pão... Dei pão ao faminto, água ao sedento, vesti ao que estava nu e ofereci um barco ao naufrago.”

Por outro lado, na Mesopotâmia o sentido de justiça foi expresso por meio do Código de Hamurabi (1792-1750 a.C.), um conjunto de leis que abordava diferentes situações presentes nas comunidades babilônicas, mas que tinha como principal ênfase a proteção dos vulneráveis. O objetivo principal desse código, conforme observado no epílogo, é: “Para que os fortes não oprimam os pobres, para fazer justiça ao órfão e à viúva”. No entanto, essa perspectiva também deixa espaço para responder à violência com violência. Não necessariamente abrindo caminho ao perdão, mas sim uma série de ações e represálias.

É provável que tanto o que os egípcios como os mesopotâmicos contribuíram para essa conversa sobre a justiça nos sejam familiares, justamente porque é geograficamente entre o Egito e a região da Mesopotâmia que estava o povo hebreu, que se encontrava num momento histórico de construção identitária de acordo com os relatos que temos, e que poderia ter tido a vantagem de fazer uma avaliação do que ambos os poderes ao seu redor propunham sobre a justiça, em contraste, claro, com a sua compreensão de Deus.

Desse modo, no Antigo Testamento encontramos vários textos que, em essência, retomam a preocupação sobre o bem-estar dos órfãos e viúvas, pobres e estrangeiros: Jeremias 7:5-7; Jó 29:12-13; Provérbios 31:9; Salmos 10:14, 35:10, 72:12-13, 82: 3-4 e 140:12; Zacarias 7:9-10; Isaías 1:17 e outros.



Nesse diálogo Sul-Sul, a proposta de justiça não é algo meramente conceitual e filosófico, nem se baseia na defesa de um sistema cultural, político e econômico, mas é marcado por uma ética de cuidado com a pessoa em estado de vulnerabilidade, ou seja, é uma proposta que identifica o outro como sujeito de justiça. Outro aspecto a destacar é que é uma perspectiva que não prioriza o espiritual em detrimento do material, mas antes coloca as necessidades materiais como essenciais para uma vida digna.

Assim, deve ficar claro que o que foi afirmado não tem a intenção de idealizar as culturas abordadas, pois podem ser identificadas inconsistências em cada uma delas. Pelo contrário, essas perspectivas foram retomadas com o propósito de destacar as contribuições do Sul Global para a noção de justiça, numa perspectiva decolonial, sem que isso contraste com as contribuições das ciências sociais ou da Bíblia. Ou seja, é uma proposta de diálogo.

a justiça na teologia latino-americana: um chamado à praxis cristã

A partir da teologia latino-americana, tanto evangélica como católica, também houve contribuições sobre justiça, especialmente nos últimos 60 anos. Essas contribuições vão além da mera definição conceitual e doutrinária de justiça, pois se concentram em reflexões que enfatizam o papel dos seguidores de Jesus em situações de injustiça. De modo que essas teologias concebem a justiça como um apelo à ação dos cristãos diante das realidades injustas que afetam os mais vulneráveis. Sendo assim uma compreensão abrangente e prática das realidades que afligiram e continuam a afligir a maioria neste continente sofredor.

CASO EVANGÉLICO

Antes de trazer uma abordagem do ponto de vista da igreja evangélica, devemos admitir que, em geral, a justiça não tem ocupado um lugar central nem na sua pregação nem na sua práxis. Mesmo os fiéis, tanto do passado como do presente, que estão interessados na justiça são frequentemente estigmatizados como adeptos do comunismo ou do progressismo. Muito menos tem havido espaço entre nós para uma perspectiva de busca do bem comum. Pelo contrário, as teologias da prosperidade e a sua filha mais nova, a teologia coach, com a sua perspectiva ainda mais individual e meritocrática, têm-se destacado em termos numéricos no nosso continente, com projeção de que cresça ainda mais.

Isso pode ser explicado em parte porque a igreja evangélica, como disse Stam, no seu desejo de se diferenciar das restantes, se tornou “uma igreja que esquece aquilo em que acredita positivamente e fica obcecada por tudo o que rejeita”. Dessa forma, a igreja evangélica latino-americana tem se caracterizado não por ser prol alguma coisa, mas por ser contra:

anticatólica, antimundo, antipolítica e anticomunista, considerando tudo isso como o oposto do que dizem ser espiritual.

A partir desse ponto de vista, a justiça é percebida como um elemento terreno, ligado à política e como uma bandeira da luta de classes. Essa redução dicotômica entre o terreno e o espiritual ignora o fato de que a justiça é um eixo transversal da mensagem do Antigo e do Novo Testamento. Por outro lado, não podemos negar que há um setor da igreja evangélica que tem se preocupado e questionado sobre o que as Escrituras dizem sobre as situações de injustiça para encontrar respostas para as realidades injustas de hoje.

Essa dicotomia na percepção da justiça no mundo evangélico ficou evidente desde o congresso teológico realizado no Panamá, em 1916, que reuniu a liderança da igreja no continente, que era, aliás, em sua maioria estrangeira. Desde então, dois grupos principais foram identificados, segundo Daniel Salinas: “os protestantes que viam a sua religião unicamente como algo espiritual e aqueles que a entendiam como um programa que abrangia todas as áreas da vida latino-americana”. Até o momento, nenhum consenso foi alcançado nessa discussão.

Nesse contexto de polarização, alguns teólogos evangélicos começaram a questionar o papel da igreja num continente marcado pela pobreza, exploração, opressão e violência. Entre esses teólogos destacam-se René Padilla e Samuel Escobar, que articularam teologicamente a centralidade da justiça e da solidariedade nas Escrituras, lançando as bases para o que mais tarde ficou conhecido como Missão Integral.

Essa articulação de uma teologia evangélica que responda à realidade latino-americana e com um sério compromisso com a justiça foi refletida no parágrafo 5 do documento final do Pacto de Lausanne de 1974. Nesse parágrafo, Deus é reconhecido como Criador e Juiz de toda a humanidade, o que implica que a igreja deve partilhar a preocupação pela justiça e pela reconciliação em toda a sociedade, bem como trabalhar pela libertação de todos os tipos de opressão. Essa proposta estabelece também a igual importância entre evangelização e ação social como deveres cristãos.

Para René Padilla, “a justiça tem a ver com as nossas relações na sociedade e com Deus. Não apenas com Deus... mas também com as

relações com os nossos vizinhos e com a criação”. Dessa maneira, a missão já não se reduz apenas a atividades de proselitismo, mas implica também que aqueles que seguem a Jesus se empenhem ativamente na transformação das realidades sociais injustas por meio de ações concretas de solidariedade.

Essa compreensão teológica reconhece que a justiça tem um componente espiritual e ético, e que constitui uma responsabilidade individual e comunitária em relação à busca pela transformação social, de acordo com os valores do reino de Deus.

CASO CATÓLICO

Do lado católico são retomadas as contribuições sobre a justiça do filósofo e teólogo Ignacio Ellacuría. Que, por meio de um diálogo franco com a filosofia de Xavier Zubiri, a experiência do sofrimento do povo salvadorenho e a sua formação religiosa refletiu sobre a justiça e sobre como agir de forma justa. Sua consistência na busca por justiça foi motivo suficiente para que ele fosse assassinado ao lado de cinco padres jesuítas, uma colaboradora da comunidade e sua filha de 16 anos no dia 16 de novembro de 1989, nas instalações da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas, em El Salvador.

Para Ellacuría, a justiça tem um componente libertador e transformador das estruturas sociais e econômicas que perpetuam a opressão e a injustiça. Isso se baseia no pacto entre Deus e o seu povo, que ele libertou da opressão do Egito e a quem sempre mostra que há esperança de um mundo melhor. Os sujeitos da justiça são, portanto, aqueles que foram despojados, e com os quais Jesus se identificou e sofreu – por eles e com eles. Conseqüentemente, a função da Igreja reside em desempenhar um papel profético comprometido com a promoção da dignidade humana.

O diálogo entre Ellacuría e Zubiri baseia-se na preocupação do primeiro de que sua filosofia era muito teórica e não tinha impacto na vida cotidiana. Ellacuría argumentou que a filosofia “deve interpretar os sinais que nos permitem compreender o que está acontecendo e influenciar os acontecimentos para fazer a história caminhar não para uma catástrofe, mas para uma utopia, em termos civis, e em direção ao reino de Deus, em termos teológicos”.

Essa preocupação os levou a trabalhar em conjunto para sintetizar a teoria da inteligência senciente em três dimensões práticas: a dimensão noética: **assumir o controle da realidade**; dimensão ética: **assumir a realidade**; e a dimensão prática: **cuidar da realidade**. Essa formulação teórico-prática inclui todas as pessoas imersas numa realidade injusta e oprimida, pois, ao tomarem consciência da situação, sentem-se parte da sua transformação.

Segundo Zuchel, Ellacuría, confrontado por uma realidade salvadorena que era marcada por uma longa ditadura militar repressiva, níveis de pobreza exorbitantes, uma igreja passiva diante tanta injustiça e um sentimento generalizado de desesperança, teve como tarefa principal, mostrar aos cristãos que “a história não estava pré-escrita, e que com eles era possível caminharem rumo a um futuro mais humano”.

A proposta de Ellacuría é de que para transformar uma realidade injusta, em primeiro lugar, como cristãos, devemos assumir o controle da realidade. Isso consiste em captar a verdade e responder à realidade. Uma maneira de aplicar isso a partir do texto bíblico é através da parábola do bom samaritano, seguindo a linha reflexiva feita por José Laguna em relação ao proposto por Ellacuría.

Nessa parábola, Jesus conta a realidade de um homem que foi roubado e brutalmente espancado por assaltantes. O homem é deixado quase morto na beira da estrada. Um sacerdote e um levita passam por ali, veem essa realidade e, mesmo assim, seguem em frente. O terceiro a passar foi um samaritano, que também vê (capta) a realidade do homem ferido, mas, ao contrário dos outros dois, ele para. Assumir o controle da realidade implica não apenas em conhecer e superar a indiferença, mas também em submeter a verdade de diferentes perspectivas para responder à complexidade da realidade.

A segunda dimensão proposta por Ellacuría é a de assumir a realidade, à qual ele se refere como “a expressão que aponta para o caráter ético fundamental da inteligência”. Deus deu aos seres humanos a inteligência não para fugir de seus compromissos reais, mas para assumi-los, tendo a certeza do que essa realidade exige a partir dos valores do reino de Deus. Essa perspectiva muda a maneira de ver o conhecimento que desenvolvemos na universidade, não é mesmo?

A terceira dimensão proposta por Ellacuría é de cuidar da realidade, o

que implica o caráter prático do conhecimento da realidade. Não é suficiente simplesmente conhecê-la ou ter um senso ético dela, mas que essas noções sejam acompanhadas de ação. Da mesma forma, não pode haver ação transformadora sem conhecimento e senso ético da realidade.

O conhecimento e o compromisso ético do samaritano com a situação do homem quase morto na estrada não se limitaram a curar seus ferimentos (necessidades imediatas). Além disso, o samaritano pagou para que o dono do alojamento continuasse a cuidar dele e prometeu voltar. A ação transformadora não se limita à piedade ou à assistência, mas se preocupa integralmente com a realidade, com um compromisso real com os mais vulneráveis.

Nesse sentido, assumir o controle da realidade implica questionar por que existe insegurança. Se fosse uma parábola dos dias atuais, poderíamos também questionar: por que não há um centro de saúde para atender a uma pessoa ferida? Por que o sacerdote e o levita não demonstraram compaixão. Assumir o controle da realidade também poderia ser entendido como "energizar a realidade histórica em direção a uma transcendência: a realização do reino de Deus, que se constitui como a presença ativa de Deus na história".



No contexto dessas reflexões, um exemplo que podemos mencionar é o mural "Conquista e Revolução", de Diego Rivera, que retrata momentos da história do México, desde a (suposta) conquista pelos espanhóis até o movimento revolucionário. Para muitos, as revoluções são uma maneira necessária e rápida de buscar justiça e transformação social em contextos desesperadores. Isso explica por que tantas revoluções ocorreram em nossas terras latino-americanas. Entretanto, para outros, a ruptura abrupta, muitas vezes acompanhada de violência, também não é a solução. Depois de revoluções, guerrilhas e movimentos armados, percebemos que eles também não nos trouxeram as mudanças prometidas. No texto bíblico, vemos a guerra como uma forma de julgamento e ruptura, mas, no final, ela também não é a resposta e pode trazer muita injustiça e sofrimento, como vemos hoje.

Nossa esperança está na alternativa que Deus nos deu, na transformação do ser humano que é chamado a uma nova vida por meio da cruz, uma natureza mediada por novas formas de convivência incorporadas no evangelho por meio do exemplo de Jesus.

E quanto a nós? Seja qual for a resposta que nosso contexto tenha gerado, como podemos agir como agentes da paz?

a perspectiva bíblica de justiça

De uma perspectiva humana, social e histórica, a lei de Talião "olho por olho e dente por dente" tem sido a regra diante de um erro e, até hoje, é uma visão de justiça que se tornou generalizada e na qual muitos sistemas de justiça se baseiam sob uma perspectiva retributiva. Jesus expande essa visão no Sermão da Montanha, em Mateus 5:38 e 39 (NVI), dizendo o seguinte: "Vocês ouviram o que foi dito: 'Olho por olho e dente por dente'. Mas eu digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra." Com isso, Jesus pede a seus discípulos que enfrentem a injustiça com justiça e tenham uma atitude de serviço para com o outro. Ou seja, ele não lhes diz para fazer o mesmo, mas, ao contrário, os convida a fazer o que não é esperado, ou seja, a mudar a dinâmica da injustiça.

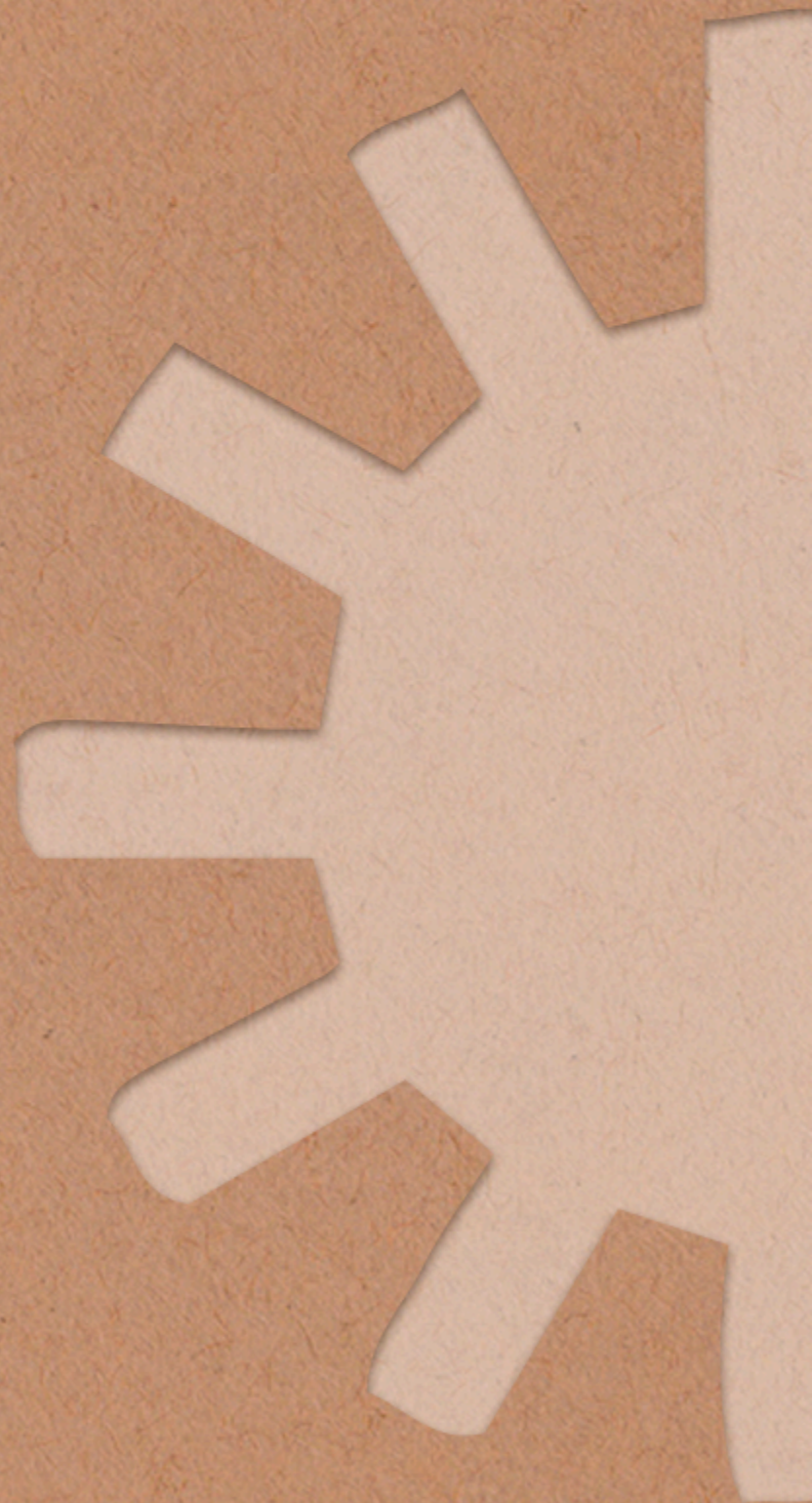
Da mesma forma, na parábola dos trabalhadores da vinha (Mateus 20:1-16), Jesus expõe outro aspecto da justiça de Deus, que nem sempre tem a ver com retribuição, mas com o que chamamos de graça. Na parábola, o dono da vinha dá a cada um dos trabalhadores igualmente, mesmo que tenham trabalhado por quantidade de horas diferentes, ou seja, ele não governa por mérito, mas leva em conta a necessidade deles, ou seja, não importa a hora em que chegaram para começar a trabalhar, ele paga a todos da mesma forma. Assim, a justiça de Deus é uma justiça que vê nossa condição, que responde de forma diferente ao mundo, a própria restauração humana tem seu clímax na encarnação de Jesus Cristo, como a libertação da humanidade e como uma alternativa à condenação (João 12:47).

No Salmo 85:10 (NVI), encontramos um modelo muito interessante que afirma que "a misericórdia e a verdade se encontrarão, a justiça e a paz se beijarão". Se analisarmos essa declaração, podemos identificar que parte

dos componentes relacionais do que foi traduzido como misericórdia e verdade são partes fundamentais da convivência humana na fé. De semelhante modo, é estabelecida uma relação entre justiça e paz como condições sociais mais amplas. Se o conceito hebraico de Shalom for entendido (discutiremos esse conceito mais adiante), então essa paz será intrínseca e também social, um estado de bem-estar e harmonia provocado, por sua vez, pela justiça.

Por fim, é importante perceber que muitos textos são interpretados apenas em termos de retribuição, algo que também está presente na Bíblia, mas não integra uma visão completa da justiça de Deus. Muitas vezes nos concentramos na punição e deixamos de lado o propósito dessa justiça, que é a restauração da criação. Essa restauração será consumada no final dos tempos e era o plano de Deus desde a queda. Ou seja, a justiça de Deus busca a transformação da humanidade e a redenção da criação (João 2:29; Apocalipse 19:7-8) e nós devemos fazer o mesmo.

PAZ



perspectivas ocidentais e epistemologias da américa latina e de outras latitudes

A pax do Império Romano se refere especificamente à ausência de guerra, e esse é o conceito de paz que muitas pessoas têm hoje no Ocidente. Embora possa contribuir para a existência de condições de convivência, sabemos que essa paz entre guerras não é duradoura e, portanto, não é uma paz completa. Por outro lado, o termo paz é entendido coloquialmente como um estado interior, de uma forma que não se conecta com os outros e com Deus, apresentando uma perspectiva que também pode ser reducionista. Assim, muitas pessoas buscam apenas a paz individual e negligenciam tudo o que é externo, ou seja, comunitário e social.

Nas Ciências Sociais, o sociólogo J. Galtung, aponta que a paz tem duas dimensões: a paz negativa, que tem a ver com a ausência de guerra, e a diminuição dos níveis de violência (estrutural, cultural e simbólica); e a paz positiva, que se refere à realização de relações humanas saudáveis e dignas e ao bem-estar. Hoje em dia, poucas pessoas se preocupam com a paz, em geral, pois acreditam que a justiça tem a ver apenas com as leis, de modo que a paz acaba sendo reduzida a acordos nacionais ou internacionais, embora seja certamente mais ampla do que isso.

Na América Latina, vemos que as sociedades têm procurado entender a paz por meio de inter-relações, e aqui temos dois exemplos disso. O primeiro é *sumak kawsay* (quechua, do Equador), que foi traduzido como bem viver / viver bem uns com os outros e com a mãe terra. Por outro lado, o conceito maia *slamalil k'inil* (maia, do México, Guatemala, oeste de Honduras e El Salvador) fala de um estado de harmonia social e cósmica que não é individual, mas deve ser coletivo. Outro termo relacionado é *ahimsa*, usado por Gandhi, que foi traduzido como não violência. Em sua definição, ele representa a resistência a prejudicar qualquer pessoa ou ser vivo, ou seja, o respeito pela vida por meio da ação.

De certo modo, podemos encontrar essas noções no evangelho, ao entender a atitude de Jesus quando ele se opõe às ações de Pedro no Jardim das Oliveiras, buscando uma resposta diferente para sua apreensão (Mateus 26:52) e também ao aceitar sua morte injusta como expiação pelos pecados (Romanos 5:1). De uma perspectiva bíblica, o conceito de Shalom, do qual nossa fé parte, é um conceito de integridade em torno da criação e da comunidade, por meio do qual a ideia de reconciliação é consumada.

a perspectiva bíblica de paz

De acordo com o teólogo Juan Driver, Shalom significava paz completa, plenitude, inteireza, cura, um processo acabado, finalizado e cheio de benignidade e é muito importante no texto bíblico. Em seu significado mais profundo, significa bem-estar e também pode ser usado como sinônimo de prosperidade e segurança (Salmo 85: 8-10). Esse Shalom se traduz em relacionamentos saudáveis com Deus, com outras pessoas e com a criação. Em diversas passagens, descobrimos que, quando não havia Shalom na história de Israel, havia desigualdade, injustiça ou violência, como acontece atualmente em muitas regiões do mundo. Um exemplo disso é quando Jeremias aponta que não há paz (Jeremias 6:14). Mesmo que os profetas de sua época a proclamassem, ele negava sua existência devido às condições sociais e econômicas que eram enfrentadas fora do palácio.

Além disso, a base do ensino de Jesus nas bem-aventuranças fala de atributos e tarefas cristãs, como pobreza de espírito, fome e sede de justiça, pacificação, pureza de coração, misericórdia e até mesmo perseguição por causa da busca por justiça (Mateus 5:1-11). Em nível relacional, ele fala de perdão e amor aos inimigos em oposição aos valores violentos e vingativos que são promovidos no mundo.

Agora, na Bíblia, há um claro chamado à ação diante da violência que está intimamente ligado aos ensinamentos do Novo Testamento. De acordo com Driver, o termo paz, em suas várias formas, aparece pelo menos 100 vezes no Novo Testamento, portanto, podemos entendê-la como um conceito fundamental no evangelho. Por exemplo, Paulo, em Romanos e Efésios, fala do evangelho da paz (Efésios 2:17; 6:17; Romanos 10:15). Deus é um Deus de paz e Jesus é o Príncipe da Paz, assim vemos que a paz está no centro da mensagem de transformação humana que os cristãos devem proclamar.

Para Dario Lopez, um teólogo peruano, o tema central do evangelho é a reconciliação. Reconciliação com Deus, entre os seres humanos e a restauração da mordomia da criação. Se Shalom é o estado de bem-estar que é acompanhado pela justiça, e vivemos em um mundo corrupto, a reconciliação é a tarefa constante. Assim, a tarefa da reconciliação é identificada como um chamado à compreensão e à ação nas cartas paulinas, conforme estabelecido em Efésios 2:14-18 (NVI):

Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade, anulando em seu corpo a Lei dos mandamentos expressa em ordenanças. O objetivo dele era criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliar com Deus os dois em um corpo, por meio da cruz, pela qual ele destruiu a inimizade. Ele veio e anunciou paz a vocês que estavam longe e paz aos que estavam perto, pois por meio dele tanto nós como vocês temos acesso ao Pai, por um só Espírito.

Portanto, o Shalom de Deus tem implicações diretas nos relacionamentos humanos, e é resultado de viver em harmonia, com relacionamentos corretos, justos e harmoniosos, essa paz é um dom de Deus (Isaías 52:7). Nos evangelhos que narram a vida de Jesus também encontramos muitos apelos à pacificação, e o próprio Cristo identificando-se como um cordeiro e não como o líder militar que o povo judeu esperava na figura do messias. É também nos evangelhos que vemos um Jesus que, desde o seu nascimento, estabelece uma mensagem da paz e da boa vontade que Deus deseja para a humanidade (Lucas 2:14), apesar do pecado e da queda.

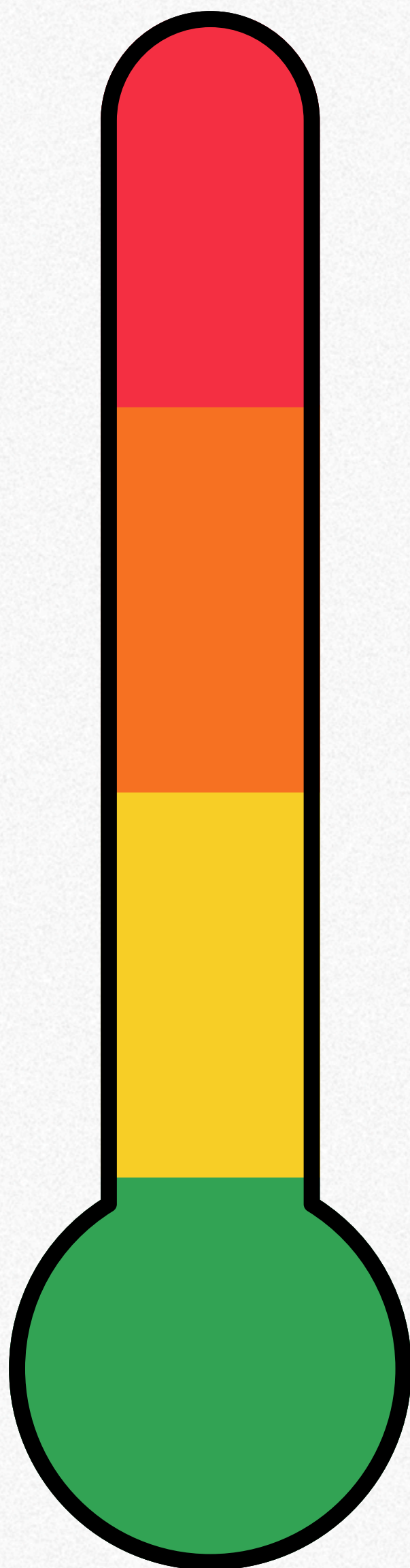
o que é a paz na universidade?

Um dos lugares mais importantes na América Latina onde se debate a violência e suas soluções é a universidade. Nela, pessoas de diferentes origens, áreas de investigação e espectros políticos buscam soluções para os problemas sociais. E ainda que as respostas para a injustiça e violência de cada um desses agentes sejam diferentes, todos concordam que as coisas não estão bem e que necessitam ser mudadas com urgência.

Para alguns de nós, a universidade é uma bolha. Um lugar mais protegido dos males que afligem nossa sociedade. Mas para outros, a universidade também pode se parecer com um campo de guerra.

Nesse sentido, a universidade não está isenta de mazelas. Nela também encontramos vários tipos de violência. Abaixo você pode ver dois esquemas para compreender a violência nos termos de suas intensidades e estruturas em que se encontram:

violentômetro da universidade

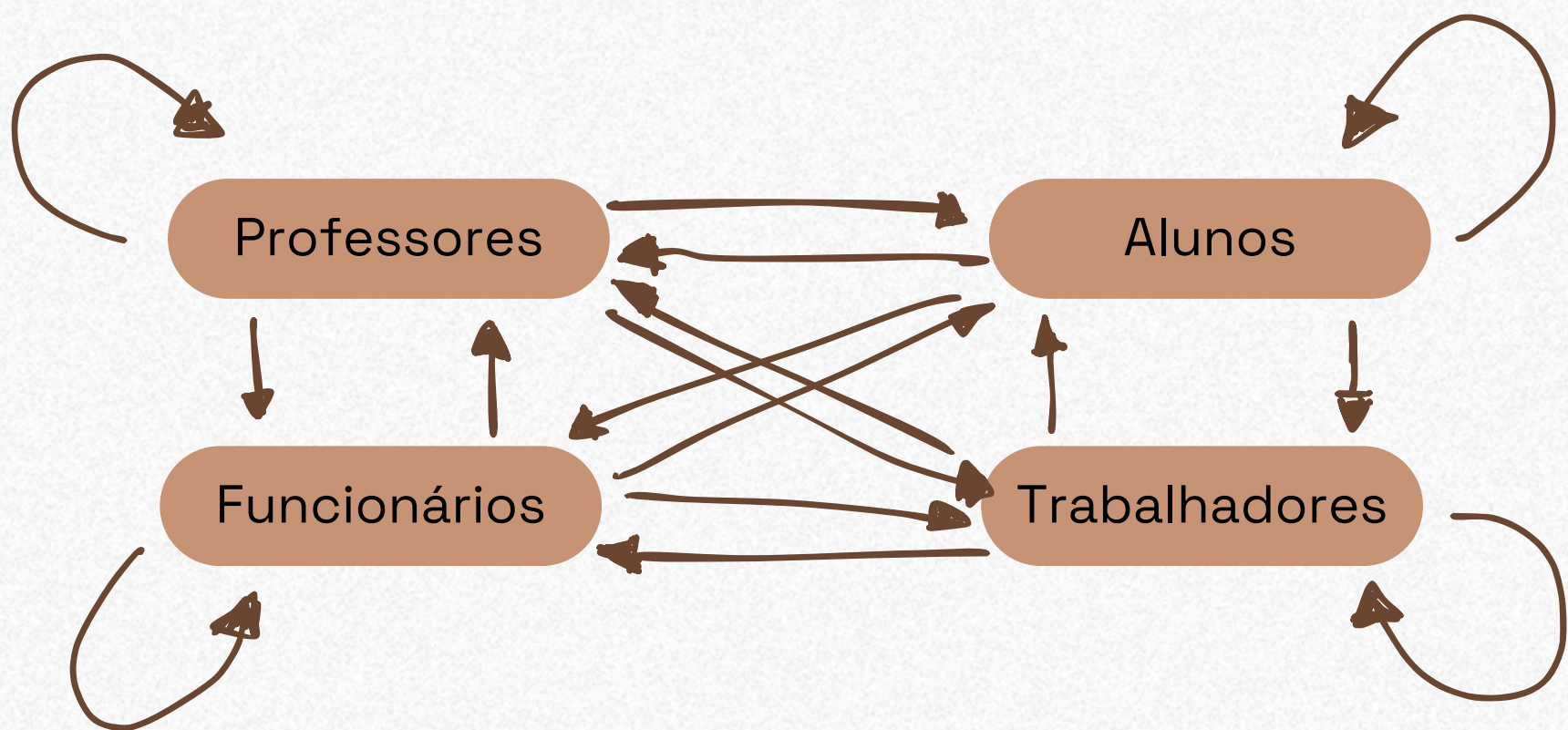


- ASSASSINATO
- ABUSO SEXUAL
- BATER
- CORRUPÇÃO
- JOGOS DE PODER
- MANIPULAÇÕES
- CHANTAGEM
- CONTROLE
- ASSÉDIO
- AMEAÇAS
- INTIMIDAÇÕES
- DISCRIMINAÇÃO
- ISOLAR/EXCLUIR
- FRAUDE/PLÁGIO
- INVISIBILIZAR
- FALTA DE RECONHECIMENTO
- HUMILHAÇÃO/OFENSAS
- MENTIRAS

As dinâmicas de violências na universidade pelas Ciências Sociais

Para Montesinos e Carrillo, as violências que encontramos nas universidades são uma reprodução do que já temos nos nossos microcosmos (por exemplo, nossas famílias), e também no macro (a sociedade em geral). Além disso, eles observam que a violência ocorre de diferentes formas, como psicológica, física, sexual, social e até patrimonial - como nos exemplos que você pode ver no violentômetro da página anterior. Essas violências também ocorrem em diferentes direções a depender de seus agentes, mas eles também perceberam, em suas amostras, que a maior incidência de violência é efetuada por alunos contra alunos e professores contra alunos.

Agentes presentes na universidade e a violência



Ainda que algo do tipo não tenha acontecido pessoalmente conosco, se abrimos bem os nossos olhos e ouvidos para acompanhar de perto nosso contexto, vamos nos dar conta de que muitos colegas e professores enfrentam, ou têm enfrentado, diversas formas de violência na universidade. Algumas podem ser facilmente ignoradas ou até confrontadas, como as piadas de mal gosto, mas em outros momentos, a violência pode se manifestar em forma de chantagens para aprovação de projetos, para eleger pessoas específicas para certos cargos; mentiras e fraudes sobre orçamentos; misoginia, homofobia, racismo e xenofobia em sala de aula; humilhações e perseguições a estudantes de grupos menos privilegiados; além disso, casos de machismo nos quais mulheres são perseguidas, assediadas (por professores, funcionários ou colegas) e até violentadas e assassinadas mesmo dentro das universidades.

Sabemos que tudo isso soa muito pesado e que uma voz pode sussurrar no seu ouvido: “ah, mas não é exatamente assim, né?”. É certo que a universidade pode ser, para muitas pessoas, um lugar até mais seguro do que outros em que ela está inserida, mas para muitas pessoas pode ser apenas uma experiência de violência para a qual não querem voltar.

Tendo em conta todo o potencial de transformação social que a universidade carrega, como podemos levar a lógica do reino de Cristo para as vivências universitárias a ponto de impactar e transformar não só nossas experiências pessoais ali, mas também nossas pesquisas e o resultado dos nossos trabalhos para transformar a sociedade para a glória de Deus?

A resposta pode até parecer simples, mas as aplicações práticas dessa resposta podem ser infinitas (e graças a Deus por isso!). E a resposta é: sendo uma testemunha de Jesus na universidade. Assim, vemos que semelhantemente ao resto do mundo, a universidade também lida com as dores da Queda, mas também há lampejos do reino de Deus que já chegou para nós e ainda virá para completar a obra.

Mas como podemos testemunhar de Jesus na universidade?

Inspirados na metáfora do banquinho, de Terence C. Halliday, fala de quatro formas de engajamento com a universidade: pietista, evangelística, apologética e dialogal (no final deste ebook você encontrará algumas referências de onde encontrará mais sobre esse tema), propomos algumas maneiras de testemunhar de Jesus na universidade.

Testemunho pessoal: viva de acordo com os ensinamentos de Jesus, ou seja, de maneira atenta e acolhedora ao que acontece ao seu redor. Demonstre amor e compaixão com seus colegas, professores e pelos demais funcionários da universidade. Isso implica em escutar atentamente, respeitar as diferenças, tratar os outros com dignidade e agir de maneira inclusiva, promovendo um ambiente de respeito e cuidado mútuo. Seja o primeiro a dar um bom exemplo de amabilidade nas aulas e na pesquisa, substituindo lógicas violentas, como a competição, por lógicas amorosas, como a da colaboração.

Integridade: busque agir com integridade em todas as áreas da sua vida universitária, mantendo uma conduta ética e coerente com os princípios cristãos. Isso inclui ser honesto nas avaliações ao longo do curso e ao fazer pesquisa científica, apresentando dados confiáveis e promovendo a verdade em nossas interações acadêmicas.

Compartilhando as boas novas: peça ao Espírito Santo que lhe faça uma pessoa sensível para saber qual é o melhor momento para compartilhar diretamente com um colega, professor ou funcionário sobre o evangelho e sobre a justiça e o Shalom de Deus.

Use sua voz: ore por valentia e coragem para que nos momentos necessários você possa erguer sua voz e falar contra a injustiça (Provérbios 82:3) que você encontrar na universidade de maneira amável, mas firme. Aprenda a dar os motivos pelos quais essas ações são incorretas e devem ser cessadas. Isso pode ser feito de maneira direta, mas também artística. Inspire-se nos profetas!

Compromisso crítico: aplique um foco crítico nas suas pesquisas e estudos, buscando compreender as estruturas sociais e os problemas que afetam a nossa sociedade. Busque soluções e propostas que estejam alinhadas com os princípios do reino de Deus, como a justiça, a igualdade e a dignidade humana.

Participação ativa: Envolve-se em grupos e iniciativas que promovam a justiça social, a igualdade e o bem-estar da comunidade universitária. Participe de debates, eventos e projetos que busquem transformar a realidade na qual estão inseridos, levando em conta as necessidades e os valores do reino de Deus.

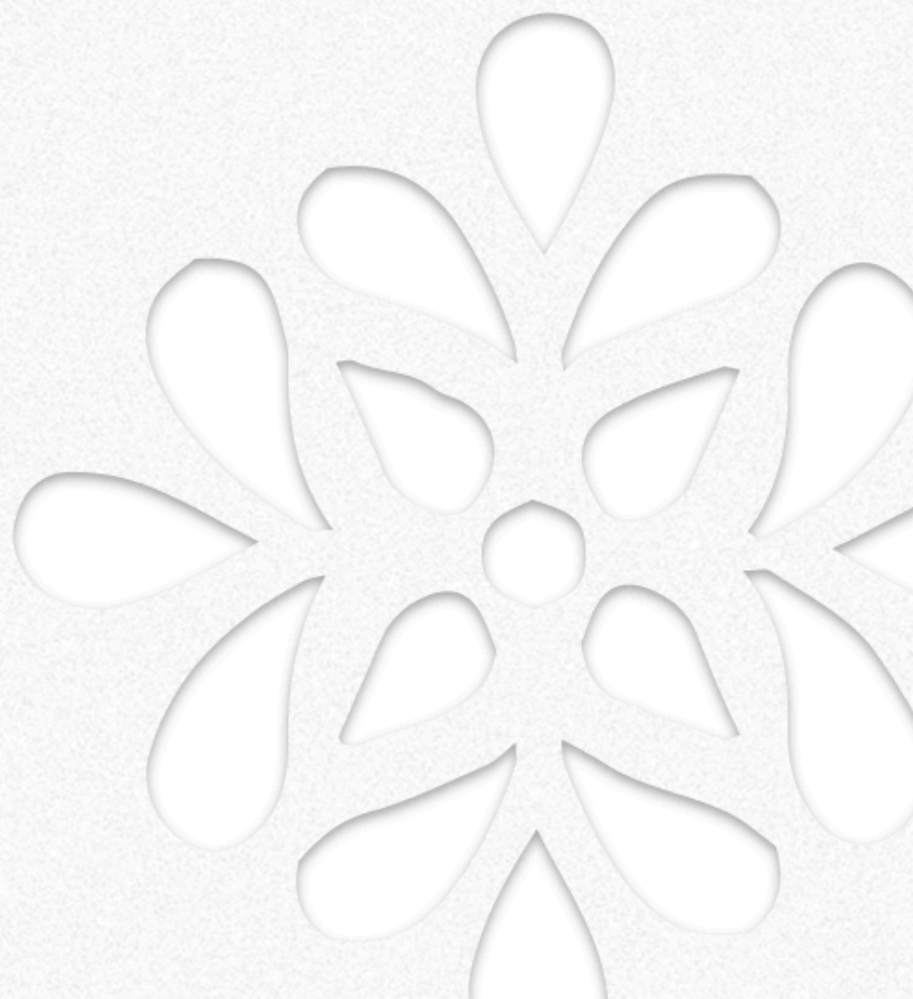
Engajamento bíblico: promova estudos bíblicos indutivos com perguntas instigantes sobre a justiça e o Shalom de Deus e o que isso tem a ver com nossas experiências na universidade para compartilhar com seu grupo de amigos cristãos e não cristãos na universidade.

Conheça alguns materiais com estudos bíblicos que você pode usar na sua universidade, escola, igreja ou grupo de amigos:

Juízes 19: violência contra a mulher por razão de gênero

Antirracismo: material de estudo bíblico e oração

Antirracismo: estudo bíblico



como ser um agente de justiça e paz?

Cada comunidade tem suas próprias maneiras de manter a memória viva: algumas se baseiam em tradições de história oral, outras constroem monumentos, outras os destroem ou alteram, criam murais, escrevem livros, organizam comissões da verdade, criam arquivos, museus e assim por diante. Parte disso é importante para que as próprias vítimas de eventos de violência e injustiça processem o que aconteceu e o que vivenciaram. Por outro lado, muitas pessoas também veem esse ato como uma forma de lembrar do evento em si, mas também de estudar e refletir sobre como foi possível chegar àquela situação, com o objetivo de fortalecer as estruturas sociais e governamentais que possam garantir que isso não aconteça novamente.

O exemplo mais amplamente estudado em todo o mundo provavelmente são os espaços de memória em torno do Holocausto, ou Shoah, que causou a morte de milhões de judeus, além de homossexuais, ciganos, deficientes físicos e mentais, testemunhas de Jeová, dissidentes políticos e outros grupos considerados “indesejáveis” pelos nazistas. Além deste caso, há outras iniciativas de conservação da memória que também podem ser observadas em outros contextos, como os espaços destinados a relembrar o apartheid na África do Sul e as ditaduras militares da segunda metade do século XX na América Latina.

O pastor Edson Nunes Jr. nos diz que

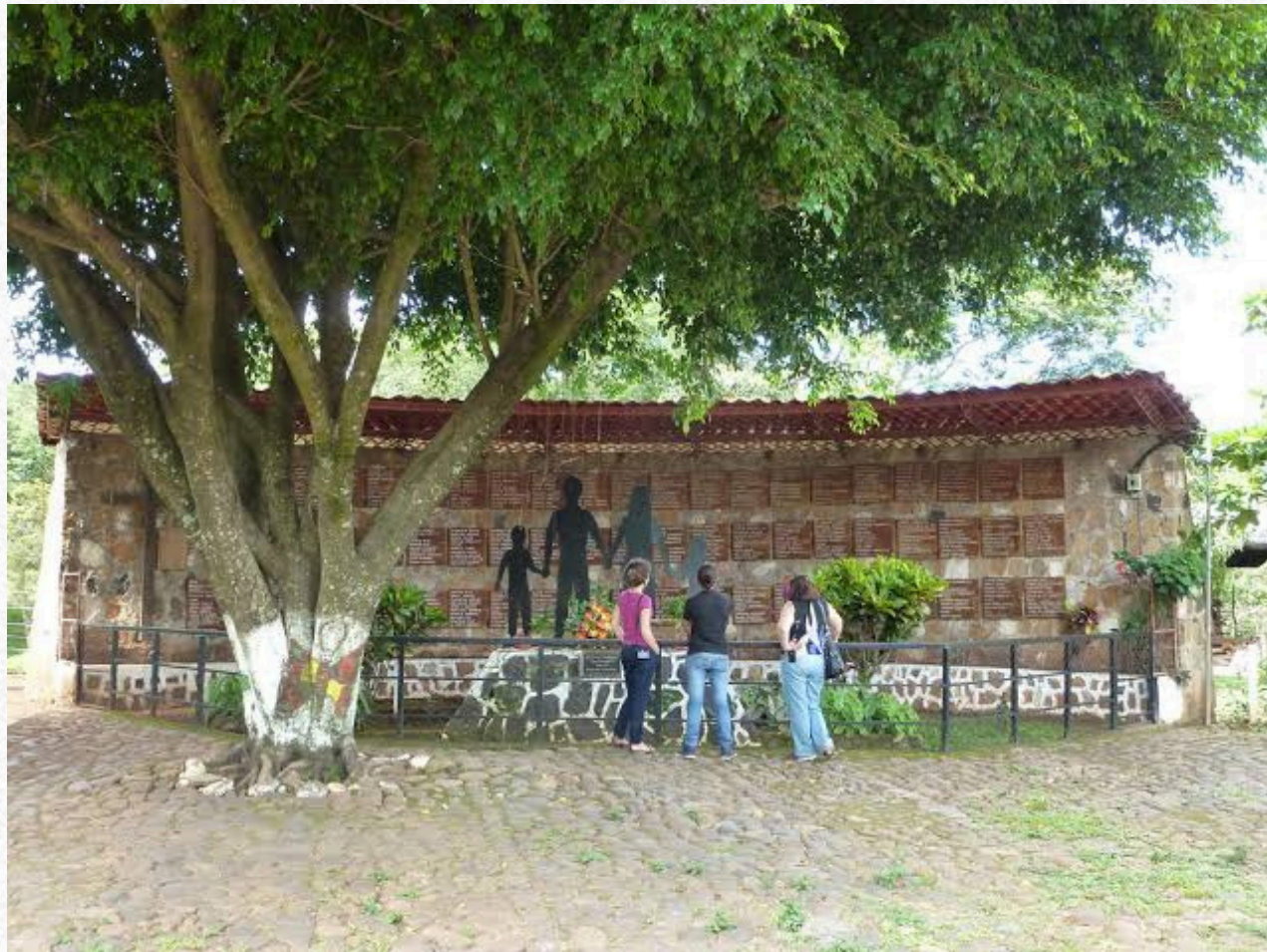
A Bíblia está repleta de convites para se lembrar das coisas. Algumas dessas memórias se referem às atrocidades cometidas contra o povo de Deus. Mas até que ponto a memória de situações em que fomos prejudicados é benéfico para cumprir a ordem de amar nossos inimigos e aqueles que nos

perseguem? Quando você se lembra o que aconteceu e o expressa, conta, torna público aquilo que aconteceu, você reconhece seu papel e reconhece o papel do outro. Portanto, se tiver sofrido injustiça, se tiver sofrido violência, precisa lembrar para reconhecer quem foi o autor da violência, quem foi o autor da injustiça, para entender seu papel como vítima no processo e colocar o outro em seu lugar, o lugar do autor da violência. Mas se você causou a violência, também precisa lembrar para reconhecer seu próprio papel. E essa parte é difícil. Não gostamos de lembrar os momentos em que fomos maus, em que fizemos o mal. É terrível, não nos agrada, odiamos quando lembramos. [...] Mas precisamos disso para entender nosso papel na história do outro e o papel do outro em nossa história.”

Temos memória para pedir perdão e perdoar. Temos memória para agir para que as coisas más não voltem a acontecer. Por isso, queremos lembrar e compartilhar brevemente com vocês algumas histórias para que vocês possam conhecer outros contextos e também se inspirarem no trabalho de pessoas cheias de amor e esperança. Aproveite a oportunidade para buscar mais sobre essas histórias e seus protagonistas.

O massacre de El Mozote (El Salvador)

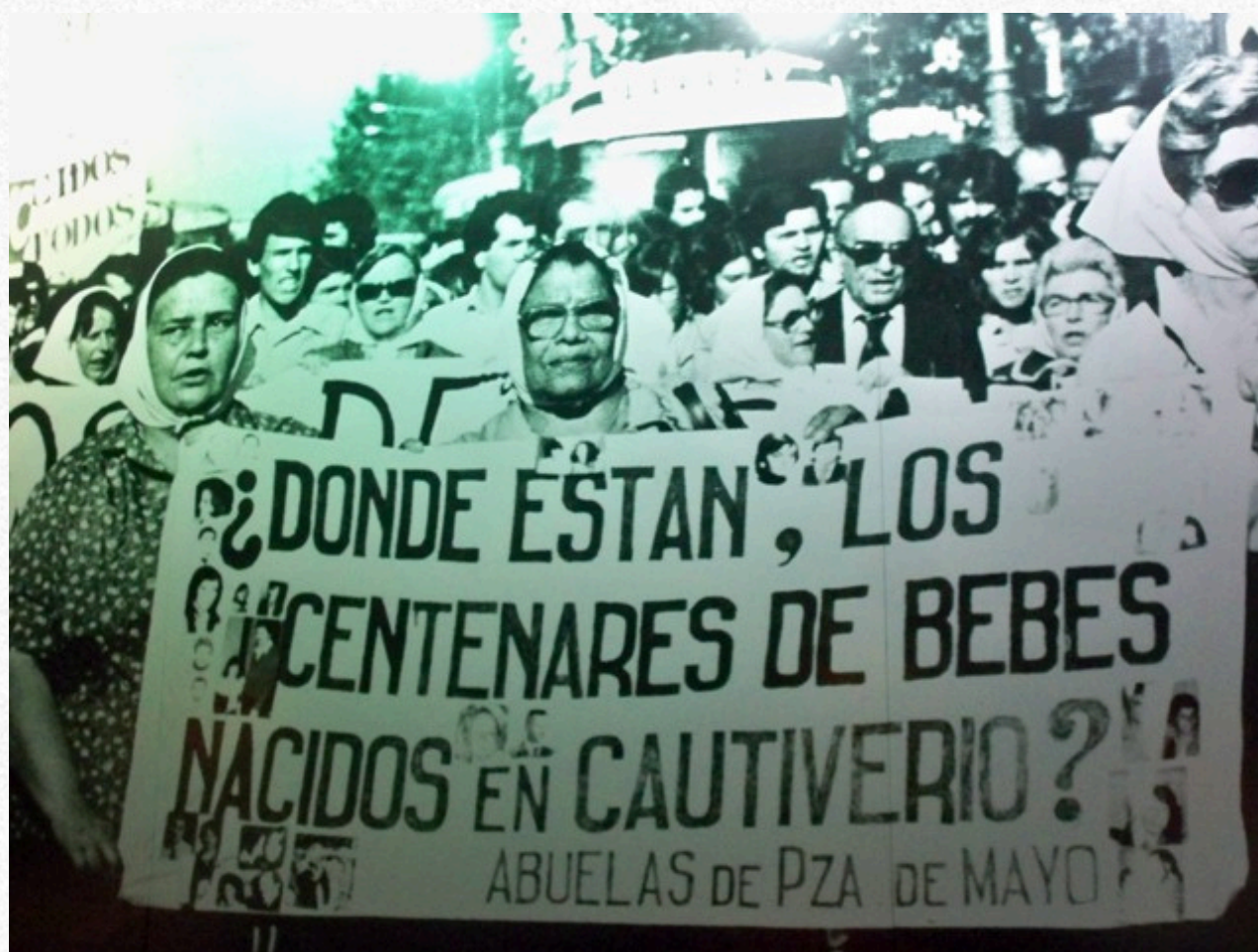
De 11 a 13 de dezembro de 1981, o Batalhão Atlácatl realizou a operação “Tierra arrasada”, resultando em 978 vítimas civis, das quais 541 eram crianças e 12 nem haviam nascido. A única sobrevivente foi Rufina Amaya, que tomou para si a responsabilidade de manter viva a memória do que aconteceu.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/25222005@N08/7377678154>

as mães e avós da praça
de maio (argentina)

As Mães e Avós da Praça de Maio são um grupo de mulheres argentinas que tem lutado incansavelmente pelos direitos humanos e a justiça desde o período da ditadura militar na Argentina (1976 – 1983). Elas se reuniam na Praça de Maio, em Buenos Aires, em frente à Casa Rosada, residência oficial da presidência argentina, para protestar contra o desaparecimento forçado de seus filhos e filhas durante o regime militar e em busca de descobrir o destino que recebiam os bebês que as mulheres que foram encarceradas grávidas tinham na prisão. Esse movimento surgiu como um poderoso símbolo de resistência, memória e luta pelos direitos humanos, não só na Argentina, mas a nível mundial.



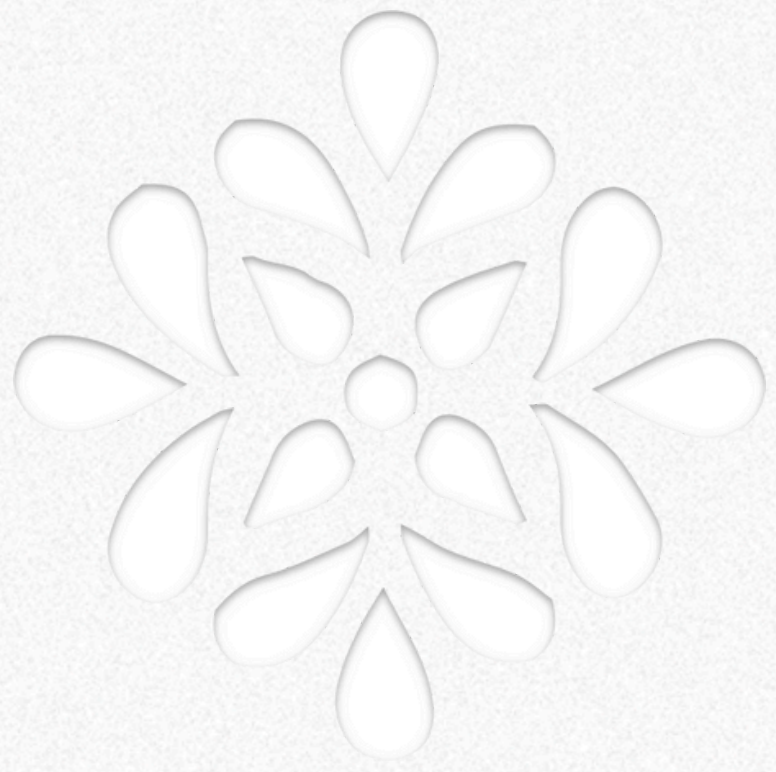
<https://www.flickr.com/photos/contrapauta/4640088510>

buscadoras de vida
(méxico)

Até esta data no México, mais de 100.000 pessoas desapareceram por causa da terrível guerra contra o narcotráfico. Hoje, muitas famílias estão procurando seus entes queridos em enterros clandestinos, no sistema judiciário e nas redes do crime organizado. As vítimas de crimes graves nos lembram de como é necessário construir ações de acompanhamento para revelar a verdade. Nos últimos anos, formou-se um eixo de igrejas que caminha com essas famílias, criando redes locais de apoio.

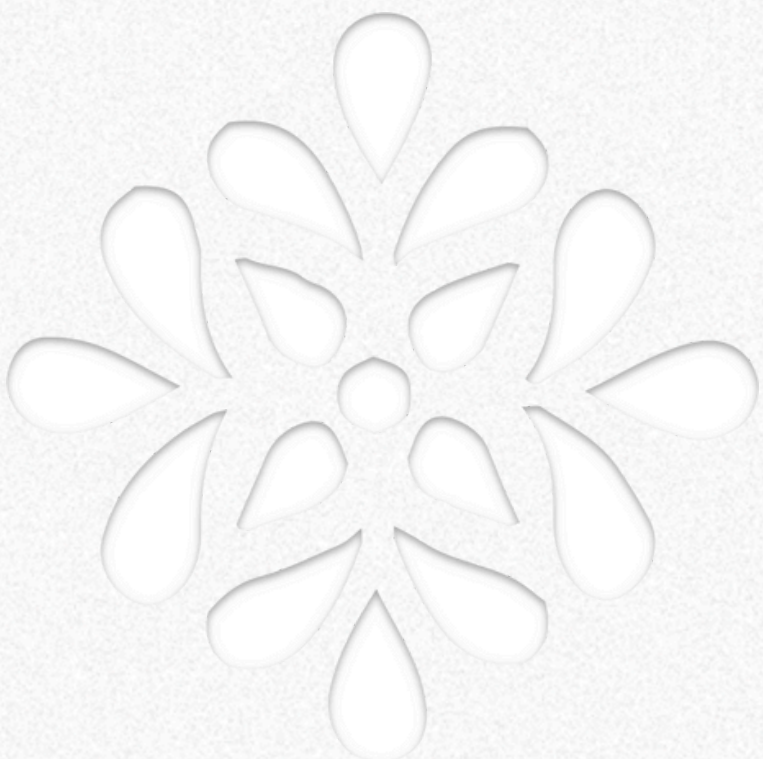


<https://www.flickr.com/photos/acedia/6103237337>



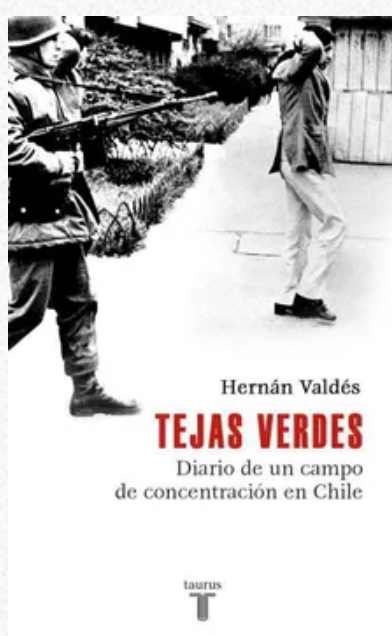
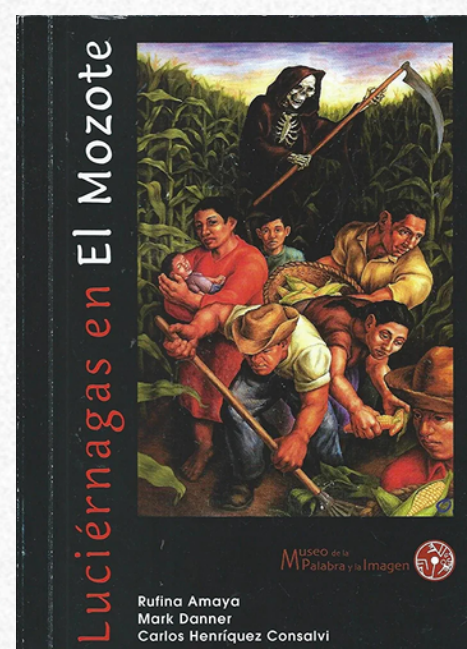
A memória é a consciência crítica. A ausência dessa memória deixa a gente refém de qualquer discurso manipulador. Ao invés você ouvir uma mensagem e analisar ela criticamente, você adere à mensagem automaticamente com sentido afetivo, emocional e tal. Cê põe uma música de fundo bem boba e umas imagens bem assim... carentes... e aí você já leva uma enxurrada de otários atrás. É assim que fazem manipulação de memória também, né? É terrível. Enxergar isso, dói.

- Ailton Krenak



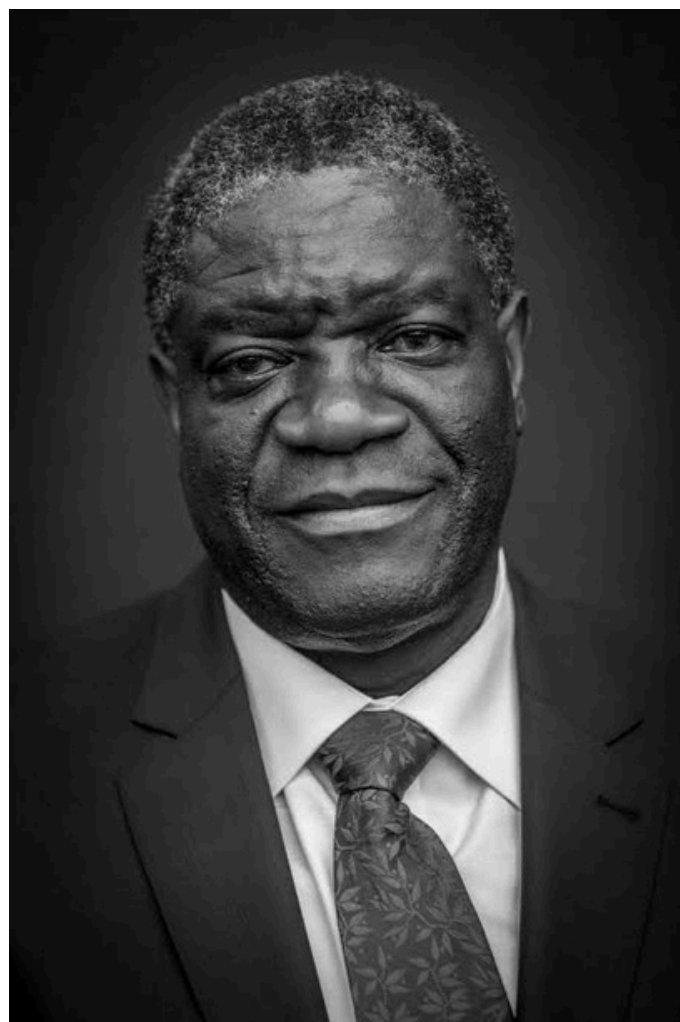
o lamento, o testemunho e a denúncia na literatura

A literatura de Testimonio na América Latina é um conceito da crítica literária para falar da literatura que surge da necessidade de resgatar a dignidade por meio da escrita. Em países como Brasil e Paraguai, onde as comissões de julgamento e punição dos responsáveis pelos crimes que ocorreram durante as ditaduras foram tardias, ou nem aconteceram, a literatura surge como um espaço de memória e denúncia. Conheça algumas obras:



um exemplo da
comunidade
internacional de
estudantes evangélicos

Denis Mukwege, que foi parte do Groupes Bibliques Universitaires et Scolaires du Congo (Grupo Bíblico Universitário e Acadêmico do Congo), o movimento de missão estudantil da República Democrática do Congo, é um médico conhecido por seu incansável trabalho no tratamento de vítimas de violência sexual em seu país. Ele é ginecologista e obstetra, fundou e dirige o Hospital Panzi de Bukavu, uma cidade do leste do Congo. Nesse hospital, Mukwege oferece tratamento médico e psicossocial integral a mulheres que tenham sido vítimas de abuso e outras formas de violência sexual, como a mutilação genital. Além do seu trabalho na clínica, Denis Mukwege é defensor dos direitos humanos e tem se dedicado a denunciar a violência sexual como uma arma de guerra. Ele recebeu inúmeros prêmios e reconhecimentos pelo seu trabalho, inclusive o Prêmio Nobel da Paz em 2018, em reconhecimento à sua luta contra a injustiça e pela promoção de paz.



<https://cityat.net/autori/denis-mukwege/>



**O DEUS
QUE SOFRE
CONOSCO**

o sermão da montanha

Muitas pessoas, cristãs ou não, conhecem o Sermão da Montanha, que podemos ler nos capítulos 5, 6 e 7 do livro de Mateus. E várias dessas pessoas podem se frustrar com o que entendem desse sermão se o leem muito rapidamente ou sem uma reflexão sobre o contexto mais amplo de onde e para onde Jesus se dirigia com suas palavras.

Às vezes esse texto é entendido como uma descrição de que são bem-aventurados aqueles que são pobres de espírito, que choram, que são humildes, que têm fome e sede de justiça, que são misericordiosos, que são puros de coração, pacificadores e inclusive que são perseguidos pelo nome de Deus. Mas na prática, nos encontramos com uma realidade na qual normalmente não nos sentimos bem-aventurados, ou felizes, nessas circunstâncias. Por outro lado, essa passagem também não se trata de análises filosóficas sobre como se comporta a humanidade e nem uma reinterpretação do Karma, como se dissesse que devemos fazer o bem para atrair coisas boas para nós mesmos.

O Comentário Bíblico Latino-Americano nos diz que a palavra para abençoado em grego é makarios, o mesmo que bendito, que muitas versões da Bíblia traduzem como feliz. O comentário continua dizendo que as bem-aventuranças são manifestações do reino de Deus. Ele também chama nossa atenção para o fato de que a primeira linha denota a situação atual do discípulo, enquanto a segunda linha afirma a situação futura que o capacita a viver no aqui e agora. De modo que, em suma, todas as bem-aventuranças vão apontar para uma condição de dependência de Deus.

Para N. T. Wright, o que Jesus faz é inverter as expectativas. Jesus não acrescenta nada ao que as pessoas pensavam (e ainda pensam! Até

mesmo nós, que nos chamamos de cristãos) sobre o que é bom, como o sucesso, riqueza, vida longa, sucesso nos relacionamentos amorosos, vitória nas batalhas etc. Assim, o que Jesus faz é confrontar a realidade com suas palavras, com seu reino! No mundo decaído, de fato, essas circunstâncias não nos deixam nada felizes, mas na construção de seu reino, sim! Na construção de seu reino, as boas novas são para aqueles que buscam o caminho de Jesus com todas essas características e em todas essas situações mencionadas. As palavras de Jesus no Sermão da Montanha são um anúncio da inauguração de seu reino, da nova criação que estava chegando com ele.

Em seguida, Jesus nos convida a orar para que a vontade de Deus seja feita na terra como no céu. Ou seja, não devemos esperar de braços cruzados para chegar ao céu, após nossa morte ou com a vinda de Jesus, para viver a bênção de seu reino. A essência de cada bem-aventurança é que Jesus nos chama a viver desde agora como deve ser no reino de Deus, de forma consistente com as promessas de Deus para o futuro, porque, em Jesus, o futuro já chegou.

Por fim, é importante ter em mente que só é possível construir o reino dos céus com o próprio Jesus. Isso significa que, apesar de todos os obstáculos que enfrentarmos nessa jornada, ele estará conosco. Não estaremos sozinhos. Não sofreremos sozinhos. Na cruz ele já conheceu toda a dor pela qual podemos passar. Mas Ele veio para que, junto com Ele, a nova criação pudesse ser inaugurada, e com Ele (não sozinhos) somos chamados para a restauração de Sua criação.

pão e vinho


Queremos encerrar esta reflexão com um símbolo cristão de fé por excelência, porque acreditamos que é necessário lembrar a mesa para a qual todos nós somos chamados. Aquela mesa onde nos sentamos como irmãos e irmãs, onde podemos compartilhar uns com os outros e com todos aqueles que são diferentes de nós.

Na raiz da violência e da injustiça se encontra a falta de compreensão do outro e a falta de construção de diálogos e empatia. Por outro lado, no caminho em que somos levados pelo evangelho, buscamos o Shalom, buscamos viver de maneira justa, reconciliadora, construindo pontes e erguendo nossa voz contra as injustiças quando necessário. Vivendo as primícias do reino, ainda em meio a uma sociedade decaída.

Na convenção missionária VIVE 2009, organizada pelo Compañerismo Estudantil (movimento da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos no México), o orador principal, Ziel Machado, nos lembrou que como cristãos, assim como o pão e o vinho, nós somos partidos por Deus e enviados ao mundo.

O pão e o vinho são uma lembrança, um ato de memória, sobre o corpo e o sangue do nosso Senhor, que foram derramados de uma maneira injusta e com violência, em meio a um julgamento cheio de falsos testemunhos. Porém, em contraste a essa situação, nós temos esperança por meio de um evangelho de paz que está cheio de boas novas.

Amém.



**ATIVIDADES
PARA
REFLEXÃO**

cartões de esperança

- a.** Convide as pessoas do seu grupo para escrever em cartões (metade de uma folha A4) os temas de injustiça ou necessidades de Shalom que percebem no seu contexto, área onde vivem ou bairro da igreja.
- b.** Troquem os cartões uns com os outros.
- c.** Veja as ideias dos outros e assuma para si como uma meta de oração para as próximas semanas, pedindo que Deus use seu grupo para interferir nessa situação.

refletindo sobre as necessidades do nosso contexto

- a.** Imprima notícias locais de situações de injustiça e reflexões sobre o que está acontecendo, incluindo reflexões sobre o que pode ser feito a partir de um nível local.
- b.** Façam juntos uma lista das 10 necessidades mais importantes do seu contexto e escrevam como seu grupo pode contribuir para enfrentar essa realidade.
- c.** Seleccionem uma dessas ações como a ação prioritária, na qual o grupo irá dedicar tempo para pensar e agir a respeito.

arte e paz

- a. Faça uma ilustração de algo que pode representar um conflito e o que pode ser feito para resolvê-lo ou transformá-lo sem violência.
- b. Faça uma escultura (você pode usar argila ou massa de cerâmica fria) sobre o que significa o Shalom de Deus para você.
- c. Escreva uma canção ou louvor sobre o papel dos cristãos na construção de paz e reconciliação.
- d. Organize um dia de apresentações das canções, poesias, pinturas e demais obras de arte. Convide toda a comunidade e aproveitem o momento para fazerem um estudo bíblico sobre a temática e orem juntos por paz e justiça.

Sugestões de materiais:

- argila.
- cerâmica fria.
- tela ou papel de gramatura maior para pintura (se for folha sulfite comum, o papel pode furar ou enrugar).
- café ou outras tinturas vegetais também podem ser usados em papel com técnicas de aquarela.
- tinta à base de água ou óleo se for usar na tela.
- tecido (procure na internet pelo trabalho das arpilleras do Chile)
- canetas, canetões, lápis de cor etc.



cineclube

- a. Escolha um documentário ou filme que fale sobre a questão da violência em um contexto específico.
- b. Antes do encontro, a pessoa que irá dirigir o momento deve deixar algumas perguntas preparadas para ajudar as pessoas a refletirem sobre o tema.
- c. É interessante também que a liderança do momento busque alguns dados locais sobre a questão, para que o grupo não veja o tema só como algo distante que não impacta a vida deles e sobre a qual temos pouco poder de atuação.
- d. Não esqueçam a pipoca! Criem um ambiente acolhedor, onde todas as dúvidas sejam bem-vindas e tratadas com respeito. Convide pessoas não cristãs também.

Sugestões:

- Relatos salvages – trailer oficial: https://www.youtube.com/watch?v=dZWhQMx1S04&ab_channel=WarnerBros.PicturesBrasil
- Selma: el poder de un sueño – trailer oficial: <https://www.youtube.com/watch?v=x6t7vVTxaic>
- Invictus – trailer oficial: <https://www.youtube.com/watch?v=o2isdUuHmFY>
- Quanto vale ou é por quilo? https://www.youtube.com/watch?v=ACfdCYbyfIO&ab_channel=AndressaB.Moraes
- Je ne suis pas un homme facile – trailer oficial: (https://www.youtube.com/watch?v=OGJFA_Tbq1s&ab_channel=NetflixFrance)

Documentários

- Video. Eje de iglesias y comunidades de fe- Tocarás a alguien de Joél Sierra. https://www.youtube.com/watch?v=fBm_yffelkM
- Fe en la resistencia (completo: https://www.youtube.com/watch?v=OGIw8ECGbSM&ab_channel=LosDiosesEst%C3%A1nLocos)

clube de leitura

- a.** Escolham um livro sobre uma temática de injustiça e busca por Shalom que acreditem que o grupo precisa trabalhar no momento.
- b.** Façam um calendário de planejamento de leitura para compartilhar com os participantes: será lido um ou dois capítulos para conversar por encontro ou o livro inteiro? Quantas páginas a pessoa precisa ler por dia? Ou quantos e qual capítulo ela precisa ler a cada semana? Essas organizações de leitura fazem com que as pessoas sintam que é possível se organizar para ler o livro e se animem a participar.
- c.** De modo semelhante ao cineclube, preparem de antemão alguns dados locais sobre essa violência e também as perguntas para diálogo.
- d.** E não esqueçam de preparar uns quitutes para receber as pessoas para a conversa!

mesclando

Algumas dessas ideias podem ser feitas mescladas. Por exemplo, a partir de uma conversa motivada por um documentário, filme ou livro, as pessoas podem escrever os cartões de esperança e trocar umas com as outras para orarem em casa a respeito.

orem juntos

Se encontrem para orar por questões específicas de violência e suas implicações, oferecendo suas vidas e grupo para que Deus use para mudar essa situação e espalhar o Shalom e o reino de Deus.

perguntas para começar um diálogo

Se você quer usar este ebook como um gatilho para motivar a reflexão sobre a violência e promoção de paz com seu grupo, preparamos algumas perguntas que podem ajudar na conversa:

- 1.** Que necessidade de justiça e de Shalom há no meu contexto?
 - a.** familiar
 - b.** cidade
 - c.** igreja
 - d.** trabalho
 - e.** universidade e escola

- 2.** Como você pode ser agente de justiça e paz nesses espaços?

- 3.** Quais iniciativas existem na sua igreja, universidade ou escola para promover a justiça e a paz? Como podemos contribuir para essas iniciativas a partir da nossa perspectiva cristã?

- 4.** Podemos criar iniciativas próprias para atender as necessidades que vemos?

- 5.** O que posso fazer a partir da minha profissão para reduzir as injustiças e violências no meu contexto?

- 6.** Para os estudantes, tanto de escolas quanto de universidades: que ações podem ser implementadas pelos estudantes para mostrar a justiça e o Shalom de Deus aos seus companheiros e professores?

referências

Notícias

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-06/ex-aluno-da-usp-acusado-de-estupro-obtem-registro-de-medico-em-pernambuco>
<https://www.observatoriofemicidiodomexico.org/lesvy-berlin-osorio>

Ensaio e artigos

Girls beyond Ipanema (https://ifesworld.org/en/journal/girls-beyond-ipanema-deborah-vieira/?switch_language=en)
The Bible, communism, and totalitarianism in 1960's Latin America (<https://ifesworld.org/en/journal/the-bible-communism-and-totalitarianism-in-1960s-latin-america-samuel-escobar/>)

Artigos acadêmicos

GALTUNG, Johan. Tras la violencia, 3R: reconstrucción, reconciliación, resolución. Bilbao: Bakeas, 1998.

Montesinos, R. y Carrillo, R. (noviembre-diciembre de 2011).

“El crisol de la violencia en las universidades públicas”.

El Cotidiano, 170, 49-56.

MONTESINOS, Ricardo; CARRILLO, Raúl. Violencia en las IES: La erosión institucional en las universidades públicas. Iztapalapa. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, v. lxxii, n. 33, p. 67-87, jan.-jun. 2012.

SANTAMARÍA RODRÍGUEZ, José E. Teología de la realidad histórica:

Apropiación epistémica desde Ignacio Ellacuría. Theologica Xaveriana, v. 68, n. 186, 2018.

TLALOLIN MORALES, Blanca Flor. ¿Violencia o violencias en la universidad pública? Una aproximación desde una perspectiva sistémica. El Cotidiano, n. 206, p. 39-50, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32553518005>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ZUCHEL, Lucas. Ignacio Ellacuría, filósofo cristiano: Reflexión filosófico-teológica sobre la inexorable acción de cargar con la realidad. Teología Vida Online, v. 10, n. 3, p. 639-641, 2014.

Artes visuais

Yo no celebro ni conmemoro guerras. Mónica

Mayer. [//mnav.gub.uy/cms.php?o=5180](https://mnav.gub.uy/cms.php?o=5180)

Mural. Historia de Morelos, Conquista y Revolución. Diego Rivera.

https://lugares.inah.gob.mx/es/museos-inah/museo/museo-espacios/10917-99-1-terrazza-galer%C3%ADa-del-mural-de-diego-rivera-historia-de-morelos,-conquista-y-revoluci%C3%B3n.html?lugar_id=476

Sermões

Série "O fim da memória" - Edson Nunes

(https://www.youtube.com/watch?v=DMsEHE2Hi6w&ab_channel=EdsonNunes)

Livros

BYLER, D. Los genocidios en la Biblia: reflexiones sobre la violencia y la no violencia en la historia del pueblo de Dios. Editorial Clie, 1998.

DRIVER, J. El Evangelio: Mensaje de Paz. Ediciones Clara, 1987.

DUSSEL, E. Siete ensayos de filosofía de la liberación. Editorial Trotta, 2020.

HALLIDAY, T. et al. Conectar con la Universidad: La fe y el servicio en el ámbito académico. Ediciones Certeza Unida, 2023.

GILLIARD, D. D. Rethinking incarceration: Advocating for justice that restores. InterVarsity Press, 2018.

LAGUNA, J. Hacerse cargo, cargar y encargarse de la realidad. Hoja de ruta samaritana para otro mundo posible. Ediciones Ronda, S.L., 2011.

LÓPEZ, D. Artesanos de la paz. Ediciones Puma, 2020.

MÁRQUEZ, S. (Coord.). Caminos de Justicia y Paz. Colirio y Compañerismo Estudiantil, 2023.

NIEVES, G. El perdón y la justicia desde los griegos hasta los pueblos indígenas de los Andes. Universidad Nacional de Chimborazo, 2017.

PADILLA, C. R. Raíces de un evangelio integral: Misión en perspectiva histórica. Editorial Kairos, 2020.

PADILLA, René. Comentário Bíblico Latino-americano. Mundo Cristão, 2022.

SALINAS, D. Teología con alma latina. El pensamiento evangélico en el siglo XX. Ediciones Puma, 2018.

STAM, J. Haciendo teología en América Latina, Juan Stam: un teólogo del camino. Editorial SEBILA, 2006.

WRIGHT, N.T. Mateus para todos. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021

Música

- Mira dime donde - Santiago Benavides
(https://www.youtube.com/watch?v=FK90kUy70_A&ab_channel=SantiagoBenavides)
- Xote da vitória - Viva vida & gente de casa
(<https://youtu.be/mp3FKgTxgc8?feature=shared>)

AUTORES



Sandra Marquez é doutora em psicologia comunitária pela Universidad Autónoma del Estado de Morelos, no México e professora universitária. Sua área de engajamento é no acompanhamento de vítimas de violências graves, psicologia da paz e transformação comunitária. Também é uma catalizadora da Iniciativa Logos e Cosmos e é voluntária no Compa, o movimento estudantil evangélico mexicano.



Deborah Vieira é formada em Letras (UFPel), tem mestrado em Literatura (UFJF) e hoje é doutoranda em Literatura (UFJF). Ela também faz parte da Aliança Bíblica Universitária e da Iniciativa Logos e Cosmos, um projeto que capacita acadêmicos para os diálogos entre fé e ciências.



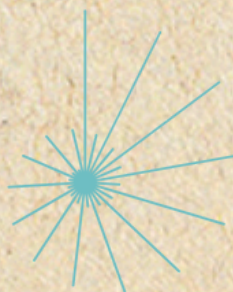
Olber Martínez é formada em Psicologia pela Universidad de El Salvador. Trabalhou por 12 anos como secretário geral do Movimiento Universitario Cristiano de El Salvador. Também é mentor na Iniciativa Logos e Cosmos e serve atualmente como diretor do Muda-te na América Latina, um ministério focado na missão integral em áreas urbanas pobres.

Se você quiser entrar em um servidor do Discord para pesquisadores e professores cristãos da América Latina, escaneie o QR abaixo.





INICIATIVA
LOGOS Y COSMOS



JOHN
TEMPLETON
FOUNDATION

Inspiring Awe & Wonder